

UM ENSAIO COM PROFISSIONAIS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO INFANTIL EM UMA CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

CARVALHO, Alexandre Freitas de; TOLOCKA, Rute Estanislava.

Universidade Metodista de Piracicaba- UNIMEP

Núcleo de Pesquisa e Movimento Humano- NUPEM

Introdução

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 2000) e a LDB nº 12.796 (BRASIL, 2003), as crianças com deficiência estão sendo incluídas em salas regulares. Encontram-se também nestas salas crianças com alterações metabólicas, tais como: diabetes, hipertensão e obesidade, porém todas estas crianças precisam praticar Atividade Física-AF para se desenvolver integralmente, pois a AF proporciona melhoras nos aspectos: motor, cognitivo, emocional, cultural (CAMPEÃO, 2003; FILHO, 2003; LIMA et., al, 2003); além de prevenir o sedentarismo e a obesidade (FILHO, 2003).

No entanto, poucos são os relatos de experiências educacionais inclusivas voltadas à prática de AF que foram narradas em coletâneas organizadas pelo MEC (BRASIL, 2006; 2008). Nelas verifica-se, que os professores, sentem dificuldade em adaptar as atividades para as pessoas com NE.

Isto pode ocorrer porque existem vários tipos de NE, contudo, a formação básica destes profissionais na maioria das vezes, não lhes dá respaldo para conhecê-la ou ter cuidados especiais necessários no trato com elas, especialmente em relação à AF (TOLOCKA, 2008; RIBEIRO, 2009), pouco se sabe sobre como estes profissionais estão trabalhando com estas atividades na escola. Assim são necessárias ações para apoiar a formação continuada e debates com estes profissionais.

Objetivos

Dialogar com profissionais de Educação Infantil- EI sobre a prática de AF e a inclusão de crianças com NE nas mesmas, levantando subsídios para futuras ações, verificando como estes profissionais executavam as atividades de jogos e brincadeiras durante suas aulas nas escolas onde trabalhavam e oferecendo palestras e atividades práticas sobre o tema.

Metodologia

Trata-se de um estudo de campo, inicialmente com 40 professores, sorteados dentre as escolas infantis da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Foram realizados sete encontros, semanalmente, sendo seis com palestras, seguidas de atividades práticas e o último com um debate. As palestras versaram sobre: inclusão social, alterações que podem acometer crianças com deficiências, alterações metabólicas, adaptações de atividades e jogos e brincadeiras. As atividades práticas focaram nas adaptações de jogos e brincadeiras também para as crianças com NE. Na palestra foi entregue um questionário para as professoras levarem e registrarem dados de quatro AF que elas executassem com seus alunos na escola. A devolução destes ocorreu nas palestras subsequentes. Os dados solicitados foram: objetivo proposto para a atividade, tipo de atividade, tempo de duração e planejamento da atividade e adaptações realizadas, objetivos alcançados dentre outros. O debate foi realizado a partir da apresentação dos resultados dos questionários entregues, relacionando-os com os temas trabalhados nos outros encontros.

Resultados

Das 40 profissionais que se propuseram a participar do estudo, apenas 26 o concluíram, embora a maioria participou de todas as palestras e também do debate final.

Nos questionários foram realizadas 18 atividades diferentes, e destas as que mais se repetiram foram: atividade da serpente; dança das cadeiras; atravessar o túnel e boliche. O tempo de preparo da atividade variou muito, quatro atividades foram feitas sem planejamento, uma gastou 12 horas, outras 60 ou 40 minutos, mas a maioria gastou 5 minutos. O tempo de duração da atividade variou de 10 a 90 minutos, porém 14 profissionais relataram que suas atividades duram entre 20 e 30 minutos; 21 deles relataram não ter feito nenhuma adaptação nas atividades.

Percebe-se assim que a maioria dos profissionais realizaram as atividades sem atentarem aos objetivos a que se haviam propostos, pois muitos dos objetivos relatados como alcançados não haviam sido propostos, e que a grande maioria dos objetivos propostos não foram alcançados. Além disso, várias atividades realizadas eram excludentes e foram feitas poucas adaptações.

Durante o debate os profissionais não souberam justificar o desencontro entre os objetivos pretendidos e os alcançados, alguns afirmaram não ter subsídios para avaliar este quesito, justificaram a falta de adaptação e o baixo tempo gasto no preparo das atividades, pelo acúmulo de atividades que realizam no dia a dia com as crianças.

Assim é necessário que sejam realizadas ações de formação continuada para trabalhar a necessidade de planejamento, adequação de objetivos e forma de alcançá-los, bem como são necessárias nas mudanças na rotina a que o profissional está submetido na escola. Conclui-se também que apenas seis palestras informativas, mesmo que associadas à prática não são suficientes para instrumentalizar os profissionais para adaptar AFs.